



XVIII Domingo do Tempo Comum (Ano C)

O texto – Lc 12,13-21

- ¹³ Um da multidão disse-lhe:
«Mestre, diz a meu irmão que *reparta* a herança comigo».
- ¹⁴ Mas ele disse-lhe:
«Homem, quem me constituiu juiz ou *repartidor* sobre vós?»
- ¹⁵ E disse-lhes:
«Olhai, guardai-vos de toda a ganância,
Pois não é porque um homem está na **abundância,**
que a sua *VIDA* depende dos **seus bens**».
- ¹⁶ E disse-lhes uma parábola:
«Havia um homem **RICO,**
a quem tinha dado uma grande colheita a **propriedade.**
- ¹⁷ Ele discorria consigo:
‘*Que farei,* pois não tenho onde *recolher* a minha **colheita?**’
- ¹⁸ E disse:
‘Farei assim: demolirei os meus celeiros,
construo uns maiores
e recolherei lá **todo o trigo**
e os meus bens.
- ¹⁹ Depois, direi a mim mesmo:
Minha alma, tens à disposição muitos bens **por muitos anos;**
descansa, come, bebe e regala-te.’
- ²⁰ Mas Deus disse-lhe:
‘*Insensato!* **nesta mesma noite,** vai ser reclamada a tua *VIDA;*
e o que preparaste para quem será?’
- ²¹ Assim acontecerá ao que **ACUMULA PARA SI,**
e não **ENRIQUECE PARA DEUS**».

Breve comentário

Jesus está a falar aos seus discípulos mas é interpelado por alguém da multidão. Este pensa que Jesus é um dos tantos doutores da lei capaz de dirimir um aspecto da herança que em Israel não era muito clara e ainda menos justa. A lei era contrária à repartição do património fundiário; por isso, à morte do chefe de família, era o primogénito que herdava metade das terras e também dois terços dos bens móveis. As causas discutiam-se às portas das cidades, publicamente, com a participação do conselho dos anciãos, o encarregado do rei e as testemunhas, mas podia ser também ser solucionada por um perito da lei.

Jesus é um mestre, não da lei, mas da palavra de Deus. Não conhece as normas que regulam as partilhas mas conhece as normas que conduzem à sua realização equilibrada e feliz. A resposta não é

dada apenas ao interlocutor mas a todos os presentes, aconselhando-os a afastarem-se da ganância que, no Novo Testamento, se aproxima da idolatria.

Os bens não ajudam a atingir melhor o objectivo da própria existência nem defendem de surpresas desagradáveis. São exteriores ao homem e não satisfazem as suas profundas aspirações, que são interiores. A tranquilidade e a segurança dum homem não dependem das suas posses, mesmo que abundantes. Quem se apoia nelas para uma vida feliz investe falsamente. A parábola que Jesus conta ilustra este conceito.

Com o acumular dos bens, o homem está convencido que assegurou a felicidade e uma longa vida. Mas revela-se «insensato» porque fez todas as contas mas omitiu a mais importante que é a escolha da hora da morte. Pensou em todos os outros dias menos no dia da morte. Agiu como se fosse senhor da sua vida como o era da sua colheita.

Jesus aconselha a «enriquecer para Deus». Trata-se de acumular bens que a morte não pode tirar: os bens do espírito, da rectidão, da justiça, da caridade.

P. Franclim Pacheco
Diocese de Aveiro